

BC prevê que a "prime rate" vai subir ainda mais

A expectativa do Banco Central é de que os juros internacionais subam ainda mais além do atual patamar de 12,5 por cento da "prime rate" (taxa para clientes preferenciais vigente nos Estados Unidos). Nos últimos 60 dias, a "prime" subiu um ponto e meio percentual, dando prejuízos ao Brasil de US\$ 1 bilhão durante o período de um ano. Se a taxa baixar, os estragos seriam menores, mas "há indicadores de mais elevações".

Mas, nem tudo é pessimismo, conforme declarou ontem, em uma coletiva a jornalistas, o diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. Ele saudou a "mobilização" que existe atualmente entre partes de credores e devedores no sentido de chegar a um "consenso". Citou como fato relevante a reunião de bancos centrais e bancos privados promovida esta semana pelo Federal Reserve de Nova Iorque, em que se buscou traçar novas fórmulas de cálculo de juros e de pagamento da dívida pelos países do Terceiro Mundo.

O ponto fundamental discutido no encontro, e muito ressaltado por Madeira Serrano, foi a capitalização automática de parte dos juros que forem vencendo. Mas Serrano advertiu que somente isso não é o suficiente sem uma redução das taxas "prime" e "libor" (esta última vigente em Londres). "Não adianta capitalizar com os juros lá em cima, porque não vai resolver o problema, e nós estamos empenhados em resolver o problema". O diretor do Banco Central disse que se as coisas continuarem nesse pé chegará o momento em que os países não conseguirão mais pagar a sua dívida. No caso particular do Brasil, afirmou que juros altos comprometem o esforço do País de promover o "ajuste" que pretende.

O ajuste de que fala Madeira Serrano é o compromisso selado com o Fundo Monetário Internacional de equilibrar o balanço de pagamentos. O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, afirmou na CPI da Dívida Externa que o equilíbrio somente ocorrerá em 1987. Serrano defendeu a idéia, também debatida pelo Federal Reserve de Nova Iorque, de atrelar o pagamento da dívida aos saldos da balança comercial dos países devedores.

Mobilização

Madeira Serrano, indagado por que somente agora é que o Banco Central brasileiro fala em negociações a dívida de Governo a Governo e em redução de juros — idéia que as autoridades econômicas sempre ridicularizaram —, respondeu que o Brasil já havia sugerido o esquema de "capitalização dos juros" desde o início da negociação da Fase 2 da dívida externa, "mas, naquela época, não havia clima" para fazer com que a idéia pegasse.

Para o diretor do BC, esse clima agora existe. "Pela primeira vez os bancos centrais dos países ricos falam em capitalização automática dos juros e na renegociação global da dívida do Terceiro Mundo", afirmou Serrano. Ele relacionou como fatos desta mobilização a reunião do Federal Reserve de Nova Iorque (uma filial do Banco Central dos EUA) com 20 bancos centrais de países credores, iniciada segunda-feira. Outro aspecto da mobilização lembrada por Serrano foi o protesto formal do Governo brasileiro contra a elevação, terça-feira, da "prime" de 12 para 12,5 por cento. Esse protesto, elaborado pelo presidente Figueiredo e pelo ministro das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro, foi encaminhado a todas as embaixadas de países credores do Brasil.

Outro aspecto positivo, citado pelo diretor do Banco Central, foi a viagem de uma delegação de parlamentares latino-americanos aos EUA, para contatos com o Fundo Monetário Internacional, autoridades financeiras norte-americanas, com a Comissão de Relações Exteriores do Senado, Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados e com o secretário de Comércio norte-americano, William Brock. Madeira Serrano espera que a assembléia anual do Banco de Compensação Internacional (BIS), programada para o próximo mês, em Basiléia (Suíça), volte a discutir o problema da dívida externa mundial e dos juros.